

É uma grande satisfação receber aqui a visita do Professor Elie Wiesel.

Sua trajetória de vida fez dele uma das grandes personalidades de nosso tempo, um homem respeitado e admirado – e com razão – em todo o mundo.

Respeitado, sobretudo, pela contribuição inestimável que trouxe – e continua a trazer – para a cultura da humanidade, com suas reflexões sobre a identidade e a experiência histórica do povo judeu – ao mesmo tempo trágica e de muita coragem –, sobre o horror do nazifascismo e sobre os grandes desafios éticos da justiça e da solidariedade.

O Brasil tem uma relação muito importante com o povo judeu, pela presença entre nós de expressiva comunidade de origem judaica.

Uma relação que é de carinho e amizade e que é importante, também, pela participação que tivemos nas Nações Unidas, através de um antecessor ilustre do Ministro Celso Lafer, na criação do Estado de Israel.

Isso tudo dá a esta cerimônia um sentido muito especial.

Recentemente, o meu amigo Henry Sobel enviou-me um texto em que ele mostrava como Elie Wiesel, na medida mesma em que se apro-

fundou em sua identidade como homem de seu povo, alcançou a grandeza da mais autêntica universalidade.

Eu creio que esse é, precisamente, o talento – e ao mesmo tempo o fascínio – da boa literatura e das grandes realizações do espírito humano: encontrar a universalidade na elaboração de uma vivência particular, individual, única.

Essa universalidade está presente, acima de tudo, na dedicação ao tema dos direitos humanos, da dignidade humana.

Professor Wiesel, a condecoração que lhe outorgamos hoje – a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco – tem para os brasileiros um significado muito especial. É, para nós, sobretudo uma manifestação do profundo respeito que sentimos pelo Senhor e pelo que significam a sua experiência de vida, o seu trabalho e a sua atuação incansável na defesa de valores essenciais para a humanidade – e que justificaram a merecida homenagem do Prêmio Nobel da Paz, em 1986.

O Professor Wiesel denunciou, com grande eloquência, os perigos da indiferença, o horror da indiferença.

Essa é uma mensagem fundamental para quem se lembra – e é preciso lembrar – da dor e do sofrimento, das tragédias e violências sem precedentes que marcaram a história no século XX. Desenvolveu-se a ciência e a técnica, mas desenvolveu-se igualmente a capacidade de colocar a ciência e a técnica a serviço do mal, da destruição, da perseguição dos inocentes. E desenvolveu-se a capacidade de ser indiferente, de ver o sofrimento humano e olhar para outro lado.

A vida e atuação de Elie Wiesel são, para nós, um exemplo e uma inspiração para seguir adiante na luta pela justiça e contra a indiferença, na luta para fazer que o século XXI tenha um rosto mais humano, para que saibamos aprender com o passado e construir um futuro de democracia, de direitos humanos, de respeito e de solidariedade entre os homens.

Professor Wiesel, sua presença aqui nos honra e nos inspira, pelo exemplo de coragem, de inteligência e de grandeza espiritual.

Meus parabéns, e muito obrigado.